

# Votação da emenda Righi não preocupa líderes do governo

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

A exemplo do líder do governo na Câmara, Pimenta da Veiga, o senador Humberto Lucena, líder no Senado, não revelou preocupação com a votação prevista para amanhã, no Congresso, da proposta de emenda constitucional do deputado Gastone Righi (SP), líder do PTB, transformando o futuro Congresso em Assembleia Constituinte, no seu primeiro ano de funcionamento, em 1987.

Os dois líderes não convocaram as respectivas bancadas para a votação e, sem mobilização, não acreditam que haja *quorum*. Para aprovação — emenda à Constituição é necessário o *quorum* qualificado de dois terços — 320 deputados e 64 senadores a favor —, que será quase impossível conseguir para a emenda Righi.

Lucena disse também que ainda neste mês o presidente Sarney deverá encaminhar ao Congresso emenda constitucional dispondo sobre as eleições para a Constituinte, de 15 de novembro de 1986. Ainda não há definição no Planalto e na liderança sobre a situação dos 23 senadores eleitos em 82.

Pimenta da Veiga e Humberto Lucena, pessoalmente, são a favor da consulta nacional ao eleitorado, para considerar esse terço do Senado em constituintes de pleno direito, e não apenas legisladores ordinários. O senador Lucena admitiu, ainda, que o

Planalto poderá deixar a solução a critério do Congresso.

Amanhã, o líder governista reunirá a bancada do PMDB no Senado para discutir, entre outros assuntos, a convocação da Assembleia Constituinte por iniciativa do presidente da República e a posição dos 23 senadores com mandato até 1990. Lucena fará um relato à bancada de seus entendimentos com o governo sobre o problema.

Lucena também confirmou o adiamento da reunião do Conselho Político, prevista para hoje, devido às comemorações na Marinha.

Por sua vez, o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen, disse ontem que não haverá nenhuma mobilização do seu partido para aprovação da emenda Gastone Righi. Ele afirmou que a partir do anúncio de que o presidente José Sarney enviará ao Congresso proposta de emenda convocando a Assembleia Nacional Constituinte, "só haverá mobilização no PFL para votação da emenda do governo".

Jorge Bornhausen previu, ainda, que a proposta do Executivo preservará o mandato dos senadores eleitos em 82, sem necessidade de qualquer plebiscito ou referendo popular para que eles sejam considerados constituintes. "Nós fomos eleitos em 82 com poderes constituintes permanentes. Não há por que reduzir nosso mandato ou criar um tipo de discriminação, porque isto poderia até dificultar a aprovação da emenda, já que um terço dos senadores foram eleitos em 82" — disse Bornhausen.

## Para petebista, PMDB quer "acuar" presidente

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O líder do PTB na Câmara, deputado Gastone Righi, advertiu ontem que, se o Congresso não aprovar sua emenda constitucional convocando a Constituinte, o presidente José Sarney terá duas opções: a redução do seu mandato ou a absoluta dependência do PMDB.

Afirmando que não é necessário ser pitonisa para vislumbrar um golpe contra o presidente, com a participação de Ulysses Guimarães, do líder Humberto Lucena e do ministro Fernando Lyra, o deputado argumentou que, derrotada a sua emenda, o Congresso apreciará a que será enviada por Sarney e, sem nenhuma dúvida, o PDT, o PTB, o PT e o PDS apresentarão substitutivos nos quais serão incluídas as diretas presidenciais para o próximo ano.

"Enviando a mensagem este mês, ela será apreciada em agosto. E na discussão da proposta do presidente vai ser discutida também a legitimidade do mandato dele, que era vice e foi eleito por um colégio eleitoral espúrio. Isso criará um clima de insegurança e tenderá a se transformar em um processo de contestação. E então ninguém poderá responder pela sorte do mandato dele", argumentou Righi.

Ao sustentar que sua emenda, ao contrário, garante pelo menos por quatro anos o mandato presidencial, o líder petebista disse que a outra hipótese é deixar Sarney tão enfraquecido, com substitutivos acoplados à sua proposta, que fatalmente precisará depender ainda mais do PMDB: "Contestado e questionado, ficará mais fraco e terá de contar mais com o PMDB", disse.

Para Righi, Ulysses, Lyra e Lucena estão por trás da desestabilização presidencial: "Eles compreendem que Sarney não é do PMDB e querem um presidente do próprio partido. Com a mensagem, vão confiná-lo e seu mandato, se passar de 86, acabará em 87, com a perspectiva de eleição do próprio Ulysses ou do governador Franco Montoro. Ninguém revela grama, mas os indícios são evi-

dentos. Não posso subestimar Lyra, Lucena e Ulysses. Não existe nada gratuito em política e eles estão com o objetivo mais adiante: enfraquecer o Sarney ou tomar seu mandato".

O líder do PTB acrescentou que Sarney já está fraco ou inseguro, e por isso mesmo persegue o pacto político. E salientou que o fato de Ulysses fazer corpo mole, para coordenar esse pacto, indica que não pretende ver o presidente fortalecido: "É que, com as diretas, o PMDB ganhará a eleição", observou.

Righi chamou a atenção para o amplo apoio à sua emenda por parte do ministro Roberto Gusmão, garantindo que, possivelmente, os ministros Marco Maciel e Olavo Setúbal, além do assessor presidencial Célio Borja, gostariam de vê-la aprovada, argumentando que a razão é simples: Eles estão contra a desestabilização do presidente.

### MOBILIZAÇÃO

O líder do PTB ampliou a mobilização em torno de sua emenda. Ontem, começou a utilizar os altofalantes da Câmara para pedir apoio e lembrar que a votação será amanhã. Além disso, enviou a terceira rodada de telegramas a deputados e senadores, solicitando votos, e começou a fazer uma pesquisa para levantar a opinião dos congressistas sobre a proposta. Ele já distribuiu e enviou para deputados e senadores mais de mil peças de propaganda e, até amanhã, pretende aumentar a pixação que já toma muitas paredes do Congresso.

Sobre o fato de a proposta ter recebido parecer contrário da comissão mista, afirmou que foi baseado apenas na inoportunidade e falta de clima político para a sua aprovação.

Finalmente, Righi garantiu contar com o apoio do PTB, do PDT, do PDS e do PT, além de vários parlamentares da Aliança Democrática: "Tenho esperança na sua aprovação. É um pouco quixotesco, mas todas as coisas grandiosas passam pelo quixotismo. Afinal, não foi assim que o Tancredo largou o governo de Minas e acabou eleito presidente da República?"